TALES FARIA

Jornalista e comentarista de política

PL não abre mão de impedir a derrubada da 6x1

O PL, partido do candidato à Presidência da República, senador Flávio Bolsonaro (RJ), fará todo o possível para impedir a aprovação da derrubada da escala de trabalho 6x1.

O comando do partido tem instruído os parlamentares – principalmente agora os senadores, pois o texto já foi aprovado na Câmara – a não se importarem com as críticas que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) fará a Flávio Bolsonaro por tentarem impedir a aprovação.

A avaliação é de que o estrago com essas críticas não será tão grande quanto o PT avalia, e que já está "precificada" no eleitorado a posição do PL sobre o assunto.

Afinal, já é público e notório que o próprio Rogério Marinho (PL-PB), coordenador da campanha de Flávio Bolsonaro, é autor do projeto contrário à derrubada da 6x1 e que institui a livre negociação da escala de trabalho entre patrões e empregados. Esse texto é duramente criticado pelas centrais sindicais sob argumento de que reduz a proteção ao trabalhador devido à assimetria de poder na negociação direta com o empregador.

Representantes do PL na Comissão de Constituição e Justiça do Senado, Rogério Marinho e Jaime Bagattoli (RO), fizeram questão de registrar voto contrário à aprovação, mesmo sendo uma votação simbólica. Também votaram contra a senadora Tereza Cristina (PP-MS), que é pré-candidata a presidente do Senado, e Hamilton Mourão (Republicanos-RS), vice-presidente da República no governo Jair Bolsonaro (PL).

Na época, Marinho afirmou que sempre soube que o comando do PT tentará usar na campanha eleitoral o fato de o partido do candidato Flávio Bolsonaro ser contrário à PEC da derrubada da escala 6x1.

O projeto começou a ser discutido no plenário do Senado nesta terça-feira, 6. O presidente da Casa, Davi Alcolumbre (União-AP), disse que o texto passará por cinco sessões de discussão, podendo ser votado em primeiro turno até sexta-feira da semana que vem.

Assim, o PT acredita que a aprovação poderá ocorrer em plena campanha eleitoral, pelo menos em primeiro turno. Se não acontecer, o partido vai atacar o PL e Flávio Bolsonaro em campo aberto, apesar de os adversários do presidente Lula dizerem não se importar tanto. O PL insiste que fará todo o possível para atrasar a tramitação. Caso não consiga, o comando do partido diz não temer votar contra em plenário.

O próprio Rogério Marinho está à frente do movimento de resistência. Não foi discutido ainda como deverá se comportar Flávio Bolsonaro: se ele registra o voto contrário no caso de a PEC ser submetida à votação, ou falta à votação, ou mesmo se vota a favor.

De qualquer maneira, mesmo que a PEC seja aprovada em primeiro turno, os aliados de Flávio Bolsonaro acreditam que terão votos em plenário para derrubá-la num segundo turno de votação após as eleições. E, se Flávio Bolsonaro derrotar Lula nas urnas, aí a escala flexível de Rogério Marinho é que será implantada.

FERNANDO MOLICA

Jornalista e diretor-geral da revista Viver Brasil

'Tesouraço': caso Marina resgatado

Divulgado em redes sociais, o vídeo da campanha de Lula que acusa Flávio Bolsonaro de, com seu anunciado "tesouraço", promover cortes em gastos sociais remete ao filme que, em 2014, foi usado na propaganda de Dilma Rousseff contra Marina Silva.

O filme, de 30 segundos, associava a proposta de dar autonomia ao Banco Central, defendida pela então candidata do PSB à Presidência, ao risco da fome. Na medida em que o narrador falava da medida e do aumento de juros que causaria, a comida ia desaparecendo dos pratos de uma família que fazia sua refeição.

Criado pelo marqueteiro João Santana, o comercial foi seguido de outras peças críticas a Marina, que reclamou, recorreu à Justiça Eleitoral e chegou a romper relações com o PT, partido ao qual fora filiada.

A líder ambientalista disputava a liderança das pesquisas com a presidente que disputava a reeleição, mas perderia o segundo lugar para Aécio Neves (PSDB). Marina apoiou o tucano no segundo turno, que acabou derrotado.

Com um minuto de duração, o filme lulista exibe falas em que Flávio fala em "tesouraço", ou seja, cortes em despesas governamentais. Em seguida, mostra notícias publicadas durante o mandato de Jair Bolsonaro que anunciam diminuição de verbas para merenda escolar, combate ao câncer e programas como Farmácia Popular, Mais Médicos e Minha Casa, Minha Vida.

De acordo com a peça publicitária, Flávio quer dar continuidade "ao legado perverso do pai" e cortar "tudo aquilo que o povo reconquistou". A peça tem como principal objetivo desgastar o candidato do PL e frisar para o eleitor que programas criados em governos petistas correm risco. Na avaliação do Planalto, a maior parte da população considera que tais iniciativas são conquistas asseguradas, que não podem ser descontinuadas.

A decisão de trocar o viés da esperança de dias melhores pelo medo de cortes de verbas foi incentivada pelo próprio presidente Lula e discutida na reunião que ele teve, anteontem, com lideranças políticas. Para a campanha petista, é necessário jogar no próprio campo e buscar o apoio de eleitores mais pobres que, no primeiro turno, votaram em outros candidatos ou em Flávio.

O fato de o candidato do PL não ter explicitado onde aplicará suas tesouradas facilitou a tarefa petista. No início de agosto, a economista Daniella Marques, que assessora Flávio, afirmou que ele pretendia fazer um corte equivalente a 1,5% do Produto Interno Bruto, que equivaleria a cerca de R$ 190 bilhões. Ontem, a CNN publicou que haveria uma diminuição abrupta de despesas no valor de R$ 300 bilhões.

Menos de 24 horas depois da vitória de Flávio no primeiro turno, a ida de Santana para a campanha de Lula chegou a ser ventilada. Rompido com os petistas depois de condenado e preso na Lava Jato pelo recebimento ilegal de verbas para a quitação de seus serviços, o publicitário pode até não retornar — mas seu estilo já foi adotado.

EDITORIAL

França já está em clima pré-eleitoral em 2026

A França chega à eleição presidencial de 2027 mergulhada em uma combinação preocupante de fragmentação política, insatisfação social, dificuldades fiscais e descrédito das forças tradicionais. A saída de Emmanuel Macron do Palácio do Eliseu, impedido de buscar um terceiro mandato, abre espaço para uma disputa que pode colocar frente a frente dois polos ideológicos radicalmente opostos: a esquerda de Jean-Luc Mélenchon e a extrema-direita do Reagrupamento Nacional (RN), de Marine Le Pen e Jordan Bardella.

O cenário não é apenas eleitoral. É resultado de um mal-estar acumulado. A França enfrenta forte pressão sobre as contas públicas, enquanto o Parlamento permanece fragmentado e o governo encontra dificuldades para aprovar medidas de ajuste. A disputa em torno do orçamento de 2027 já expõe a dimensão do problema. Ao mesmo tempo, protestos estudantis e outras manifestações revelam uma sociedade inquieta com o futuro econômico, as mudanças climáticas, a inteligência artificial, a educação e a perspectiva de avanço da extrema-direita.

Nesse ambiente, a extrema-direita encontrou terreno fértil para transformar insegurança econômica, imigração e insatisfação com o sistema político em combustível eleitoral. O RN aparece na dianteira das pesquisas, enquanto Le Pen procura apresentar sua legenda também como alternativa para a gestão das finanças públicas. Bardella, por sua vez, consolidou-se como um dos principais nomes do partido.

A esquerda, entretanto, não está fora do jogo. Mélenchon já lançou sua candidatura e tenta ocupar o espaço de principal adversário do RN. O problema é a fragmentação do campo progressista, dividido entre diferentes partidos e estratégias. Se a esquerda não encontrar uma fórmula capaz de reunir votos além de seu eleitorado mais fiel, poderá facilitar a chegada da extrema-direita ao segundo turno — ou até à Presidência.

A possibilidade de um segundo turno entre Mélenchon e Le Pen seria mais do que uma escolha entre dois candidatos: representaria a falência do centro político que dominou a França na última década. Também testaria a capacidade das instituições de absorver a polarização sem permitir que o debate democrático seja substituído pela intolerância e pelo confronto permanente.

A eleição de 2027, portanto, poderá ser um divisor de águas para a França e para a Europa. Mais do que escolher um presidente, os franceses decidirão se desejam aprofundar a ruptura com o sistema tradicional ou reconstruir uma alternativa democrática capaz de responder às angústias sociais sem recorrer aos extremos. O maior risco não está na existência de diferentes ideologias, indispensáveis à democracia, mas na incapacidade de transformá-las em projetos de país.

OPINIÃO DO LEITOR

Câncer de mama

Mulher previna-se! O primeiro passo no combate ao câncer de mama é a prevenção. Para isso, é essencial um corpo bem nutrido.

José Ribamar Pinheiro Filho, Brasília - Distrito Federal

Contribuições por e-mail: marceloperillier@correiodamanha.net.br

Correio da Manhã FUNDADO EM 15 DE JUNHO DE 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) | **Paulo Bittencourt** (1929-1963) | **Niomar Moniz Sodré Bittencourt** (1963-1969)

www.cm.com.br

Publisher
CLÁUDIO MAGNAVITA
redacao@correiodamanha.com.br

REDAÇÃO
Affonso Nunes (editor #cm 2) Gabriela Gallo, Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

EDITORIA DE ARTE
Coordenação: José Adilson Nunes (projeto gráfico); Diagramação: Anderson Sá, Ricardo Gomes (projeto gráfico) e Thiago Ladeira - Marcos Lima (Gestor de TI)

TELEFONES
(21) 2042 2955 **Whatsapp:** (21) 97948-0452 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

RIO DE JANEIRO
Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ
CEP 22775-057

BRASÍLIA
ST SIBS Quadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF
CEP 71736-20

SÃO PAULO
Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP, - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13026-510

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal